

1.ª ENTREGA DO PRÉMIO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA

VICTOR DE SÁ

Vim a Braga expressamente para assistir a esta cerimónia.

A primeira entrega do Prémio de História Contemporânea constitui para mim – desculpem-me uma pontinha de orgulho, que não posso ocultar – representa um poema, aquele que nunca fiz ao longo da vida, nem mesmo quando passei pela idade da poesia.

Foi já na idade da reforma, mais exactamente há três anos e meio que vim à Universidade do Minho outorgar a escritura pública para a instituição deste Prémio. Era a realização de um sonho – o tal poema – que alimentei nos últimos anos da minha docência universitária estatal (Universidade do Porto), agora continuada em Lisboa no ensino superior cooperativo.

Vim agora a Braga imbuído de um sentimento misto de contentamento e de gratidão:

contentamento – pelo tal poema feito verso (isto é, obra)

gratidão – ao Conselho Cultural desta Universidade, sob a presidência do Senhor Prof. Lúcio Craveiro da Silva, a quem presto a minha pública e respeitosa homenagem, pelo muito que conseguiu em tão pouco tempo.

Uma iniciativa deste género, com o que ela tem de original no nosso meio académico e estudantil, não seria fácil de aceitar nos primeiros tempos. Conhecemos o peso da rotina e o quanto ela obsta à florescência das novidades

criativas. Demais no domínio da história contemporânea, em que a objectividade exige que sejamos superiores a nós próprios.

No ano em que o Prémio se anunciou, só se apresentou a concurso um único trabalho. E não respeitava ainda o âmbito cronológico estabelecido, isto é, a partir de 1820.

No ano seguinte, apresentaram-se dois concorrentes: um, também não respeitou as regras do jogo; outro, mais literário que histórico, mereceu ainda assim uma menção de mérito.

Só no corrente ano (1994) finalmente apareceram a concurso uma vintena de trabalhos. E, ao que ouvimos, quase todos de elevada qualidade. O Júri terá tido dificuldade em distinguir *um* só para lhe atribuir o Prémio. Este é único e indivisível. O jurado Prof. Viriato Capela, meu distinto amigo, já nos explicou a razão das menções honrosas por esse motivo atribuídas.

A todos os Concorrentes, independentemente dos galardões obtidos, expresso-lhes também a minha homenagem. Afinal, são eles a razão da nossa presença aqui. Foi para os jovens investigadores portugueses, até aos 35 anos, que o Prémio se instituiu.

Finalmente, uma palavra de reconhecimento para as entidades que desde logo compreenderam e apoiaram o Prémio através da sua contribuição para o respectivo Fundo mercenático.

Refiro-me expressamente ao Sr. Governador Civil de Braga e à Câmara Municipal de Guimarães; à Fundação Cupertino de Miranda, da cidade de Famalicão; e à do Engenheiro António de Almeida, do Porto.

Foram estas as primeiras entidades públicas a darem corpo e substância ao Prémio, que *intencionalmente não quisemos com nome individual*.

A Braga e ao Norte pertencem aquelas instituições. Elas foram as primeiras a adoptarem como *sua* a iniciativa, e a manifestarem fé no futuro colectivo do Prémio. Queremo-lo cada vez maior e mais profusamente alargado.

Outras instituições e, de um modo geral, as firmas mais representativas do nosso tecido empresarial e financeiro, não-de por certo querer ligar-se a este projecto. Sobretudo agora, que estamos voltados para um futuro que não poderá ser mais de obscurantismo, será antes de solidariedade e de afirmação cultural. Afirmação também da nossa identidade colectiva, num Mundo cada vez mais plural.

Graças a um alargado apoio mecenático, o Prémio poderá passar de bienal a anual; poderá desdobrar-se no futuro a um segundo e a um terceiro prémios, cuja necessidade já neste ano se tornaram evidentes; poderá mesmo elevar os seus quantitativos.

Mais tarde, quando a paz, que agora se vislumbra, se tiver consolidado nos territórios de língua portuguesa, o Prémio poderá ainda vir a estender-se aos jovens investigadores lusófonos que irão afirmar-se nesses países.

Será útil para todos nós – nós e os outros – alcançarmos uma visão conjunta do que foi, ou têm sido, o nosso viver e morrer nesta nossa conjunta época contemporânea – uma história plural, não mais singular.

É para isso que vós, os mais novos, ireis por certo caminhar.

Por agora permitam-me que expresse o meu profundo agradecimento a
s quantos nos têm ajudado a fazer do sonho realidade.

O poema esta feito.

Agora pertencerá a vós recitá-lo, ou seja, moldar o futuro à vossa medida.

Muito obrigado.